

A Inquisição e a Caça às Bruxas – Uma Página Tenebrosa da História das Mulheres

*Luiza E. Tomita**

RESUMO

Entre os séculos XV e XVIII milhares de mulheres foram torturadas e exterminadas pela morte na fogueira, sob a acusação de bruxaria. A Inquisição, estabelecida no século XIII para combater a heresia e que foi posteriormente estendida às mulheres, tem sido fortemente contestada, por seus desdobramentos. A acusação de prática de bruxaria a essas mulheres, hoje, é bastante contestada por cientistas de várias áreas do conhecimento. As causas dessa perseguição em massa são, até hoje, questionadas. Poderia o contexto histórico do fortalecimento dos Estados, as grandes descobertas científicas, a Reforma e a Contra-Reforma religiosas, a crescente urbanização e o desenvolvimento dos burgos, enfim, o início da era industrial, dar uma resposta inteligível a tanta violência e misoginia? Este artigo desenvolve algumas pistas de resposta a estas perguntas.

Palavras-chave: religião – violência – misoginia.

Introdução

Centenas de milhares de mulheres foram torturadas e mortas durante quatro séculos de Inquisição, em toda a Europa, acusadas de bruxaria. Hoje, um número crescente de pesquisadores/as de várias áreas – História, Sociologia, Psicanálise etc.– coloca em dúvida o fato de que essas mulheres fossem culpadas dos atos a elas atribuídos, isto é, que praticassem a bruxaria com ou sem a ajuda de forças demoníacas. A Inquisição foi uma página tenebrosa da História da Igreja, quando a perseguição aos hereges, às práticas não-cristãs, também chamadas pagãs, aos judeus e às chamadas “bruxas”, matou um número elevado de mulheres e homens, que eram forçados a confessar crimes hediondos, em troca de um pretenso passaporte para o céu. A heresia era uma transgressão da fé por pessoa batizada, com a cumplicidade do demônio. Mas, entre as diversas heresias, distinguiu-se a bruxaria como a mais temível e mais perigosa, pois causadora de grandes catástrofes da natureza como manifestação de castigos divinos, crença esta que se espalhou por toda a Europa.

A perseguição em massa às mulheres acusadas de bruxaria teve o seu ponto alto entre 1560 e 1630, no início da Idade Moderna, na Europa Central. Os países que se destacam aí são a França, a Alemanha, a Suíça e os países do Benelux. Em outros pontos da Europa, como o leste europeu e o sul da Itália e a Irlanda, não houve perseguição institucionalizada às bruxas. O número das vítimas não pode ser bem determinado, mas está entre 100 mil e um milhão. Note-se que esse período já está situado no início da Idade Moderna e numa região onde se percebiam grandes transformações sociais, científicas e religiosas: a urbanização e o desenvolvimento dos burgos, as grandes descobertas científicas (Copérnico, Erasmo de Rotterdam), a mudança dos paradigmas filosóficos (Rousseau, Voltaire), a Reforma e a Contra-Reforma na religião. Os príncipes e os Estados se fortaleciam às custas

* É doutoranda na área de Teologia e História na Universidade Metodista de São Paulo - UMESP; mestra em Estudos Bíblicos (Pontifícia Faculdade N.S. Assunção); membro do NETMAL (Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina); membro da AMZOL (Associação de Mulheres da Zona Leste); e coordenadora teológica da ASETT (Associação de Teólogos do Terceiro Mundo) para a América Latina.

de confiscos e impostos, que destruíam cidades e aldeias e provocavam uma fuga em massa de camponeses. Nesse contexto de crise, era necessário encontrar culpados (bode-expiatórios) para se explicar as desgraças (epidemias, guerras, fome) e até para desviar a atenção sobre a violência praticada contra o povo.¹

A perseguição aos hereges no início do século XIII teve como conseqüência uma ligação entre os conceitos de heresia e bruxaria. Aos hereges, e depois às mulheres (século XV), foi imputada a acusação de pacto com o demônio, o que provocava malefícios. Por bula papal, estabeleceu-se o processo sem acusação pública após a denúncia, o emprego de tortura para a obtenção de confissões, a morte pela fogueira. Do ponto de vista religioso, o cristianismo dava passos para se afirmar como religião predominante e as práticas não-cristãs representavam eminente perigo, assim, cultos e práticas pagãs realizadas por esses homens e essas mulheres eram malvistas, e, acabavam geralmente, denunciados pelo clero cristão.

A bruxaria consistia, basicamente, no ato de renegar a fé católica, negando certos dogmas de fé, devendo, além disso, dedicar-se de corpo e alma à prática do mal, entregando-se a toda sorte de atos carnisais com incubos e súcubos e a toda sorte de prazeres obscenos. Embora esta pudesse ser atribuída tanto a homens como a mulheres, escritores estimaram que o número total de executados poderia subir à casa dos milhões, sendo que as mulheres constituíam 85% de todos os bruxos e bruxas que foram executados.

Vários foram os documentos escritos por homens da Igreja que desencadearam uma perseguição em cadeia aos hereges. O *Malleus Maleficarum* foi um dos principais documentos utilizados pelos inquisidores para promover a perseguição às mulheres acusadas como bruxas na Europa, do século XV ao XVIII, estabelecendo critérios que determinavam as condições ne-

cessárias para a bruxaria, os métodos pelos quais se infligiam os malefícios e como estes podiam ser curados.

A acusação de bruxaria dirigida, majoritariamente, às mulheres levanta suspeitas, pois as perseguições eram feitas de forma individual e não coletiva, baseadas não em prova material, mas em testemunhos tomados de forma arbitrária, e as confissões arrancadas através de torturas terríveis, que visavam não buscar a verdade, mas confissões. As pessoas eram geralmente condenadas, ainda que não houvesse provas materiais ou que as confissões tivessem sido forçadas pela tortura, visto que a única forma de acusar uma mulher de bruxaria era através da confissão. Neste caso “as confissões de bruxas estavam intimamente ligadas ao uso da tortura e ao mesmo tempo à tradição culta”.² Poder-se-ia dizer que a tortura “criava” a bruxaria.³

O ódio, o medo, a aversão às mulheres que aparecem no processo da Inquisição parecem ser, em parte, uma resposta à repressão sexual dentro do cristianismo monástico, visível nos vários documentos escritos por religiosos durante a Idade Média. Esta morbidez fez com que a tortura, para se obter confissões de bruxarias, incluísse procedimentos tarados, ou seja, sexualmente perversos, que incluíam o *voyeurismo* e o sadismo. As mulheres eram despidas e seus cabelos e pêlos raspados à procura de objetos enfeitados que poderiam ter sido escondidos em suas partes íntimas “que não devem ser mencionadas”. As mulheres eram submetidas a torturas incríveis que chegavam às raias de um delírio paranóico, não para se verificar a culpabilidade delas, mas para se obter confissões.⁴

1. MEYER-WILMES, Hedwig. “Por que as Bruxas eram queimadas Vivas?” In: *Concilium* 274-278, 1998, p.16-18.

2. KING, Margareth L. *A Mulher do Renascimento*. Lisboa, Portugal: Presença, 1994, p.160.

3. WESSLEY, Stephen. *The Thirteenth-Century Guglielmites*, 289-303. Baker: 1978. Citado por KING, op. Cit. p.160.

4. BYINGTON, Carlos A. B.. Prefácio: “O Martelo das Feiticeiras - *Malleus Maleficarum* à luz de uma teoria simbólica da História”. In: *Malleus Maleficarum - O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1991; p.34.

As maiores aberrações sexuais foram cometidas com extraordinária hipocrisia, tentando mostrar inocência e pureza no fato de não se mencionar o nome dos órgãos sexuais ou tentando mostrar um sentido humanitário de justiça e proteção da população contra as maldades demoníacas praticadas pelas mulheres⁵.

Por um lado, o mal é mostrado como uma ação do demônio que, como anjo caído, tem o papel de levar os seres humanos a praticarem heresias, ou atos de infidelidade a Cristo. Por outro lado, o mal parece ser uma ação das mulheres, com a cumplicidade do demônio, com quem estas têm relações íntimas. Neste caso, elas são chamadas de bruxas e adquirem poderes sobrenaturais para realizar o mal no mundo.

Destas duas proposições, pode-se concluir que, visto não termos acesso ao demônio e nem ele a nós, diretamente, o mal seria uma prerrogativa das mulheres, que seriam utilizadas pelo demônio para praticar o mal. Assim, em *Malleus Maleficarum* o mal se encarna na mulher, como parceira do Diabo, o inimigo maior de Deus, aquele que traz todas as desgraças à humanidade. Como isso aconteceu, como se chegou ao ponto de atribuir à mulher os males do mundo, só pode ser entendido dentro de um processo histórico de muitos séculos, de uma luta de poder não apenas entre homens e mulheres, mas também entre as raças/etnias (judeus e não judeus), ou entre ricos/nobres e pobres/plebe, entre o clero e o Estado.

A causa da perseguição em massa às chamadas “bruxas” tem duas faces: de um lado a tentativa de superação da natureza e o domínio da racionalidade e, do outro, o medo do sexo e do poder das mulheres que começava a se evidenciar, na Europa Central. No final da Idade Média, a ciência e a filosofia começavam a dispor sobre a natureza. As mulheres, como as parteiras e as curandeiras, conhecedoras de ervas, possuíam

uma grande ligação com a natureza. A medicina emergente se indispôs contra essas mulheres: os cientistas varões eram agora os depositários do saber científico, racional, que combatia esse conhecimento “natural” como superstição, magia “negra” ou “branca”. A Igreja e o Estado ficaram a favor de uma ciência que se considerava racional e objetiva.⁶ A outra face da Inquisição mostramos a culpabilização do corpo e do sexo das mulheres, o que levanta a suspeita terrível de que o poder crescente das mulheres estava incomodando alguns setores da sociedade: elas precisavam ser combatidas. Tanto do ponto de vista econômico-financeiro, como do ponto de vista emocional, as mulheres ganhavam autonomia. Na realidade, estas duas faces representam os dois lados de uma mesma moeda: a necessidade de combater as mulheres que, pela primeira vez na história, se organizavam coletivamente para mudar os rumos das instituições patriarcais. Mas a história nos mostrou um genocídio, um assassinato em massa, que retardou, durante séculos, a irrupção das mulheres enquanto sujeito coletivo.

Apresentamos, a seguir, um breve relato sobre o contexto histórico em que se verificam as conquistas das mulheres dentro dos burgos, a repressão da sua sexualidade, a forma como se desenvolveu o conceito de bruxaria – ou o conceito cumulativo de bruxaria – e o processo em que foram forjados os documentos da Igreja. Esta é uma tentativa de nos introduzir em um tema que é rico, complexo e conflitivo, e que poderia explicar, em parte, a misoginia presente em *Malleus Maleficarum* e que se materializou na perseguição, tortura e morte de milhares de mulheres.

Conceito Cumulativo de Bruxaria

Vários são os historiadores que, ao estudarem a Idade Média e o início da Renascença, na Eu-

5. BYINGTON, Carlos A. B.. Prefácio: “O Martelo das Feiticeiras - *Malleus Maleficarum* à luz de uma teoria simbólica da História”. In: *Malleus Maleficarum - O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1991; p. 35.

6. MEYER-WILMES, Hedwig. “Por que as Bruxas eram queimadas Vivas?” In: *Concilium* 274-278, 1998, p.17-20.

ropa, se depararam com o fato histórico da caça às bruxas, no período entre 1450 e 1750. Espantados com a forma arbitrária com que milhares de mulheres foram perseguidas, torturadas e mortas, buscaram pesquisar o tema e chegaram a interessantes conclusões.

Brian P. Levack fez um estudo sobre a caça às bruxas e desenvolveu o conceito cumulativo de bruxaria. Ele começou a pesquisa buscando descobrir as origens da grande caça européia às bruxas, mapeando cronológica e geograficamente os julgamentos. Com base em estatísticas, chegou a um total de, aproximadamente, 110.000 julgamento por bruxaria e 60.000 execuções, acreditando ser este número muito inferior às inúmeras estimativas anteriores, porém representativas, de uma realidade sinistra, visto que a maioria dessas mulheres foram processadas por crimes que não cometeram ou bastante exageradas.⁷

Tendo em vista que a caça às bruxas depende da crença na bruxaria, crença esta que implica pacto com o demônio – idéia hoje descartada pelo racionalismo iluminista –, Levack desenvolve o conceito cumulativo de bruxaria, buscando descrever em que consistia esta crença, de onde ela provinha, como ela se espalhou pela Europa e que havia um controle da operação da máquina judicial dos Estados que passaram a apoiar e, depois, a substituir os processos religiosos.

Eis as características principais deste conceito:

– a idéia central do conceito é a crença de que bruxas faziam pactos com o Diabo. Esta crença era compartilhada, no final do século XVI, pela maioria dos europeus instruídos: as bruxas, além de praticarem magia maléfica, empenhavam-se também em diversas atividades diabólicas. Tal pacto não somente dava o poder de realizar o mal – *maleficia* – mas também a iniciava no serviço do Diabo.⁸

– a crença no sabá, que apareceu no final do século XVI: elas se reuniam periodicamente com

outras bruxas para executar uma série de rituais blasfemos, obscenos, abomináveis. Nessas reuniões, o Diabo apareceria sob várias formas, junto com demônios secundários, quando as bruxas ofereceriam crianças em sacrifício, fazendo banquetes com elas, dançando despidas e teriam relações sexuais com o Diabo e as outras bruxas.⁹ Um dos poderes demoníacos seria o de voar, tendo rápido acesso a reuniões que ocorriam com frequência em locais próximos ou distantes.¹⁰

– tais crenças sobre as ligações das bruxas com o Diabo vinham das classes dominantes e instruídas, e não do povo comum: teólogos, filósofos e advogados e subscritos por juizes, clérigos, magistrados e senhores de terras. Embora crenças populares em espíritos demoníacos, orgias e canibalismo fossem difundidas entre o povo, algumas informações sobre as atividades diabólicas das bruxas chegavam aos camponeses através da leitura pública das acusações formuladas pelas autoridades competentes, visando instruir o povo sobre a bruxaria durante uma onda de pânico ou de caça às bruxas.¹¹

– a grande caça às bruxas só ocorreu depois que os membros das elites governantes dos países europeus abraçaram as diversas crenças sobre as atividades diabólicas das bruxas, isto é, que se tratava de um crime da maior magnitude, sendo praticado em larga escala e em forma de conspiração.¹²

No centro das mais conhecidas crenças sobre a bruxa, estava o Diabo, fonte de sua magia, parceiro no pacto e objeto de sua adoração. O Diabo era conhecido no decorrer da Idade Média como Satã, que significa “adversário”, da forma como aparece na Bíblia. Ele aparece apenas num dos últimos livros do Antigo Testamento, o primeiro livro das Crônicas, em que assume uma personalidade distinta e se apresenta como inimi-

9. Idem, p.36-41.

10. LEVACK, Brian P. *A caça às bruxas na Europa Moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p.41-46.

11. Idem, p.47-54.

12. Idem, p.47-54.

7. LEVACK, Brian P. *A caça às bruxas na Europa Moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p.22.

8. Idem, p.33-36.

go de Deus. No Novo Testamento, tem um papel mais definido e proeminente, quando tenta o próprio Cristo no deserto e se torna o poderoso oponente da Cristandade em si. O Reino de Satã foi a forma como os Padres da Igreja representaram as religiões contra as quais o Cristianismo competia.¹³

Não havia uma imagem padrão do Diabo na arte medieval, de forma que sua representação visual tomou muitas das características dos deuses pagãos, como a barbicha, as patas fendidas, os cornos, a nudez e a forma semi-animalesca do deus greco-romano Pã e também do deus celta Cernunnos. A semelhança da representação do Diabo cristão medieval e os antigos deuses pagãos substituídos e demonizados pelo Cristianismo foi uma das principais provas usadas pelos estudiosos defensores da tese de que as bruxas de fato praticavam um antigo ritual da fertilidade.¹⁴

Quanto à sua natureza, foi assunto de inúmeras controvérsias, porém, nos séculos XII e XIII, a crença de que podia habitar nos corpos de seres humanos construiu sua natureza metafísica, de forma que um grupo de teólogos escolásticos fixou um conceito que se tornou tradicional durante a caça às bruxas. Assim, eram puros espíritos, como os anjos, não possuindo carne ou sangue. É essa a figura que o *Malleus* explora.

A Repressão à Feitiçaria – os Tratados Persecutórios

Desde tempos remotos, os malefícios constituíram uma ameaça, principalmente temida pelas populações do universo rural, que se sentiam desprotegidas, cercadas por um meio hostil. Entre os malefícios mais comuns, estavam os relacionados à sexualidade, como a impotência, a esterilidade, a frigidez. O *Malleus* assegura que as feitiçarias podem impedir a ereção do membro viril, o

fluxo das essências vitais... Elas podem enfeitiçar a potência genital a ponto de tornar o homem incapaz de copulação e a mulher de concepção.

Desde o IV século, as práticas mágicas eram passíveis de punição por recomendações dos imperadores cristãos e reforçadas pelos concílios, mas, no conjunto, a Igreja pleiteava pela clemência e pela prudência em relação aos culpados. Vale lembrar que havia grandes massas que permaneciam pagãs e tinham suas crenças e cultos que envolviam magias, adivinhações, em relações às quais a autoridade religiosa, durante a alta Idade Média, dera provas de um relativo espírito crítico. Em 906, por exemplo, um guia de visitas episcopais redigido a pedido do arcebispo de Trêves – o célebre *Canon Episcopi* – denunciava como ilusória a velha crença nas cavalgadas noturnas nas quais certas mulheres acreditavam participar por ordem de Dina. Sendo ilusória, não era o caso de punir.¹⁵

Essa atitude modificou-se a partir do final do século XII, sob o efeito de duas causas interligadas: de um lado, a afirmação da heresia com os valdenses e os albigenses e, do outro, um espírito crescente de cristianização expandido por parte de pregadores originados nas ordens mendicantes. A perseguição à heresia foi assunto cada vez mais debatido e culminou no IV Concílio de Latrão, que reforçou a segregação dos judeus e obrigou os bispos, sob pena de deposição, a perseguir e punir os heréticos de suas dioceses. Depois disso, os cátaros foram vencidos no Sul da França, enquanto o papa Gregório IX nomeava, em 1231, o primeiro inquisidor oficial da Alemanha.¹⁶

Mas foi em 1326 que o papa João XXII, após consultar bispos, superiores de ordens e teólogos, redigiu a bula *Super illius specula*. Sendo a feitiçaria agora assimilada a uma heresia, os inquisidores eram habilitados a persegui-la, visto que os mágicos, adorando o Diabo, fazendo um

13. LEVACK, Brian P. *A caça às bruxas na Europa Moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p.28-29.

14. Brian P. LEVACK. *A caça às bruxas na Europa Moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p.29.

15. DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. 3. reimpr. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p.350.

16. Idem, p.351.

pacto com ele, voltavam as costas à verdadeira fé. Malefícios eram doravante sinônimos de feitiçaria diabólica e de heresia.¹⁷

A imprensa contribuiu imensamente para o processo de perseguição às mulheres e aos judeus, numa época em que o temor do fim do mundo estava amplamente difundido pelo mundo ocidental. Por volta de 1330, a pedido de João XXII, o franciscano Alvaro Pelayo, na corte de Avignon, redigiu *De Planctu Ecclesiae*, uma obra misógina e anti-semítica que foi esquecida em nossos dias, mas que mereceria ser exumada de nossas bibliotecas. Impressa em 1474, em Ulm, foi reeditada em Lyon, em 1517, e, em Veneza, em 1560, indicações estas que permitem afirmar que foram lidas por clérigos encarregados de dirigir as consciências daqueles tempos¹⁸. Este livro deve ser entendido dentro do contexto de decadência do corpo eclesial e da preocupação das ordens mendicantes com a cristianização do mundo então conhecido.

Lendo esta obra, que parece ter sido a de maior hostilidade clerical à mulher, poder-se-ia dizer que o *Malleus* retoma toda a misoginia apresentada neste livro, cheia de referências ao Eclesiástico, ao Livro dos Provérbios, a São Paulo e aos Doutores da Igreja, citando-os fora de seu contexto e de maneira arbitrária no sentido de perpetrar um ataque virulento às mulheres. Enquanto o Livro I trata de forma medíocre sobre a constituição da Igreja, o segundo expõe a miséria da cristandade, de forma patética. Aqui, no artigo XLV, é que Pelayo compõe uma longa litania de acusações dirigidas às filhas de Eva: “arma do diabo”, “fonte de toda perdição”, “ela mata aqueles a quem enganou”, atraindo os homens, arrastando-os para o abismo da sensualidade. Além disso são “adivinhas ímpias”, “ministro da idolatria” e, sendo orgulhosas e impuras, trazem perturbação para a vida da Igreja. 323-4

A misoginia extremada de Alvaro Pelayo e de outros que compartilhavam o mesmo sentimento, como Bernard de Morlas, monge de Cluny do século XII, que escreveu o terrível *De Contemptu Feminae*¹⁹ encontrou ampla audiência através dos canais abertos pelo discurso oral e escrito e acabou por justificar a caça às feitiçeiras.

No final do século XIV, aumentaram os processos de feitiçaria e os tratados condenatórios, com influência de uns sobre os outros e interação entre eles, visto que as obras teóricas impulsionam as perseguições e também são alimentadas pela experiência dos juízes. Multiplicam-se os escritos incendiários que incitam à repressão: 13 foram escritos entre 1320 e 1420, e 28 entre o *Formicarius* (1435-1437) e o *Malleus Maleficarum* (1486). O *Formicarius* relata as perseguições do inquisidor Pierre de Berne, na Suíça, sobre feitiçeiros e feitiçeiras, descrevendo malefícios que provocam tempestades, destroem plantações, além da adoração a Lúcifer e os vãos noturnos. As mulheres mágicas se especializam na fabricação dos filtros de amor, nos raptos de crianças e na antropofagia. Todos e todas fazem parte de uma seita demoníaca em que se renega a Deus. O *Formicarius* foi a primeira obra demonológica que insistiu no papel das mulheres na feitiçaria.²⁰

O *Malleus Maleficarum* foi escrito 50 anos depois e retomou a idéia da feitiçaria como atividade de mulheres, lançada em *Formicarius*, desenvolvendo-a à obsessão. Foi precedido pela bula *Summis desiderantes affectibus* (1484), de Inocêncio VIII, que incitava os prelados alemães a reforçar a repressão da feitiçaria. Este texto é, na realidade, eco da obsessão dos inquisidores alemães que, na época, viam por toda parte malefícios, demônios íncubos e súcubos, heresias como a renegação do batismo, etc. O nome da bula foi colocada pelos autores de *Malleus* no

17.DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. 3.reimpr. São Paulo: Cia das Letras, 1996 p.351-352.

18.Idem, p. 322.

19.DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. 3.reimpr. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 325.

20.Idem, p.352-353.

cabeçalho de sua obra. A contribuição desta foi definitiva na identificação da magia popular como uma forma de heresia, interligando um crime civil a um crime religioso e incitando os tribunais à repressão.

Durante 150 anos, entre 1500 e 1650, processos e execuções de feiticeiras/os multiplicaram-se em diferentes regiões da Europa Ocidental e Central, atingindo seu paroxismo persecutório entre 1560 e 1630.²¹ Verdadeiros massacres ocorreram em algumas cidades, como em Obermarchtal, região rural de 700 habitantes, onde 43 mulheres foram queimadas entre 1586-1588²². Esses processos e essas condenações à morte não teriam sido possíveis sem a incitação repetida das autoridades religiosas e civis. Inúmeras cartas e intervenções papais, entre os séculos XVI e XVII, mostram uma preocupação obsessiva dos papas que ordenam a inquisidores, bispos e autoridades políticas que punam os “adoradores de Satã”.²³

A história mostra que o poder civil mais do que apoiou a Igreja na luta contra a bruxaria. A obsessão demoníaca, sob todas as suas formas, permitiu ao absolutismo reforçar-se. Inversamente, a consolidação do Estado na época da Renascença deu uma dimensão nova à caça às feiticeiras. Os governos mostraram uma tendência crescente a anexar, ou ao menos controlar, os processos religiosos e a punir as infrações contra a religião. Mais que nunca a Igreja se confundiu com o Estado, aliás, em benefício deste.²⁴ O absolutismo que se firmava e a repressão da feitiçaria, reagindo um sobre o outro, tiveram, como resultado comum, a transformação do procedimento criminal. Enquanto, na Idade Média, permitia-se a livre defesa do acusado e pouco se havia empregado a tortura nos processos civis, na época do Renascimento, a justiça do Estado adotou o procedimento inquisitorial, com o endu-

recimento do direito penal, a generalização do emprego da tortura, entravando a defesa do suspeito, reforçando o caráter arbitrário do procedimento. Uma instrução escrita e secreta substituiu o debate oral e público, impedindo a defesa dos acusados, muitas vezes iletrados e com poucos conhecimentos sobre seus direitos.²⁵

As Mulheres no Mundo Medieval

Na Europa da Idade Média, o sistema patriarcal vigente relegava as mulheres a um plano secundário, desde o nascimento: eram preteridas em relação aos filhos homens, pois, enquanto estes aumentavam o patrimônio, elas o ameaçavam. O dote dado pela família da noiva ao noivo representava uma diminuição de patrimônio. Uma vez que o papel da mulher dependia da sua relação sexual e econômica com os homens, a sociedade patriarcal restringia o espaço para a mulher que não estava ligada a um homem ou a Deus. A defesa da castidade da filha era fundamental, pois garantia aos futuros maridos a pureza de sua linhagem, a legitimidade de seus herdeiros e a reputação de sua família. Desde o nascimento, portanto, as filhas representavam um duplo fardo para as famílias, pela preservação da castidade e a provisão do dote. O casamento era um contrato que envolvia somas em dinheiro e bens de raiz, completada por uma variedade de atos rituais e seguida por consumação sexual, que, após a Reforma e a legislação do concílio de Trento, incorporou a devida publicidade e uma cerimônia na Igreja.²⁶

Nessa sociedade patriarcal, os maridos dominavam as mulheres em privado, e as autoridades masculinas defendiam em público a supremacia dos homens em todas as instâncias sociais. Os preceitos dos pregadores e dos humanistas res-

21. DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. 3. reimpr. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 354.

22. Idem, p.355.

23. Idem, p.356.

24. Idem, p.356.

25. Jean DELUMEAU. *História do Medo no Ocidente*. 3. reimpr. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 357.

26. KING, Margareth L. *A Mulher do Renascimento*. Lisboa, Portugal: Presença, 1994. p. 40-42.

tringiam a mulher à casa, ao silêncio, à simplicidade; requeriam uma supressão total da sua vontade expressa, do corpo, da voz, até dos ornamentos. A repressão da sexualidade e os constrangimentos do comportamento sexual se inseriam naquele contexto de dominação patriarcal.²⁷ As relações sexuais eram normatizadas: havia o momento correto, o local correto e a maneira correta. As épocas em que as relações sexuais não eram lícitas incluíam o Domingo, a Quaresma, o dia em que se recebia a comunhão, durante a menstruação, durante a gravidez, durante o aleitamento. Isto significa que estas normas restringiam muito o espaço limitado para as relações conjugais, visto que a mulher adulta ficava muito tempo ocupada com os processos de gravidez, parto e amamentação. A forma como as relações sexuais deveriam ocorrer restringia a frequência, pois a quantidade representava risco para a saúde e, além disso, deveriam ser realizadas face a face sem o uso de mãos ou boca, sem obscenidade ou nudez visível, nem violência ou insulto. Os locais permitidos eram apenas os órgãos propriamente reprodutores, *ordenados por Deus para esse fim*, segundo Cherubino.²⁸ Neste contexto, as mulheres suportavam a fama de possuírem o maior apetite sexual, bruto e incontrolável: uma construção dos filósofos, teólogos, médicos, oradores. As mulheres eram insaciáveis e, à noite, atormentavam os maridos; elas seduziam, manipulavam, desviavam e enganavam. Em caso de adultério, na maioria das vezes, era a mulher a culpada e a que sofria os castigos. Em França, o marido podia impune matar a mulher adúltera, apropriando-se do seu dote. Em Veneza, uma mulher separada do marido por adultério era impedida de recuperar seu próprio dote: um dos casos em que a herança paterna não lhe era garantida.²⁹

27.KING, Margareth L. *A Mulher do Renascimento*. Lisboa, Portugal: Presença, 1994, p.49-51.

28. Idem, p.52.

29. Idem, p.53.

No cotidiano da relação conjugal, era o marido que impunha tarefas à mulher; se esta falhava nos seus deveres reais ou imaginários, poderia ser espancada, geralmente com impunidade e com a aprovação da comunidade. A maioria dos códigos legais reconhecia o direito de espancamento da mulher, pelo marido, sendo tal brutalidade geralmente tolerada ou tratada com benevolência.³⁰

Dentro do quadro de pudor em que as mulheres se inseriam, estas eram tratadas por parteiras ou médicas em matérias obstétricas e ginecológicas. Assim, existem registros de que as escolas médicas de Salerno e outros centros universitários italianos produziram médicas famosas de historicidade indubitável. "Em Nápoles, em 1321, Francesca, mulher de Matteo de Romana, de Salerno, obteve licença do Tribunal Real para exercer medicina, após ter sido examinada por um corpo de professores da faculdade e ter prometido seguir as tradições da profissão". Em 1609, a francesa Louise Bourgeois, parteira de Maria de Médicis, rainha de França, publicou o seu conceituado trabalho ginecológico, fruto da sua experiência de quase 2000 nascimentos.³¹

A posição econômica da mulher era ambígua, de alguma forma poderosa e sem poder ao mesmo tempo. Seu papel na economia familiar também dependia do estrato econômico ao qual pertencia. Nos ambientes do campo e no do artesão da cidade, o trabalho da mulher era essencial para a economia da família, tendo ela mais direitos no casamento do que as mulheres da nobreza, por exemplo, cujo sistema patriarcal se impunha de forma mais rígida. Entretanto, mesmo neste ambiente, ela não administrava o patrimônio, embora contribuísse diretamente para ele. Sua independência podia ser sentida na viuvez, ou na separação, em relação à guarda dos filhos e ao planejamento de seu futuro. Podia

30.KING, Margareth L. *A Mulher do Renascimento*. Lisboa, Portugal: Presença, 1994, p.53-54.

31. Idem, p.55.

viver só, ganhando o seu sustento e em plena posse dos seus reduzidos bens.³²

O Trabalho nos Burgos: Mulheres em Ascensão

No campo, esposas, filhas e criadas colaboravam em todas as tarefas agrícolas, não sendo dispensadas dos trabalhos mais pesados: ceifavam, recolhiam feno, lançavam estrume, semeavam, colhiam e respigavam. Trabalhavam nas plantações de cânhamo e linho, que depois fiavam, e cuidavam das hortas, cuidavam dos animais (gado, aves), tosquiavam ovelhas, cuja lã depois teciam. Eram responsáveis pelo mesmo trabalho do homem: se o colono era casado, recebiam o dobro do que os solteiros para cultivar. Entretanto, em relação ao salário, ganhavam a metade do salário dos homens. A alimentação era bem menor, tanto em quantidade como em qualidade.³³

Também as mulheres da aristocracia tinham suas responsabilidades no trabalho do campo e, na ausência do marido, como em épocas de guerra, inspecionavam as colheitas, vigiavam o trabalho de cardação da lã e a fiação da seda, provavam, armazenavam e vendiam vinho e até mesmo orientavam a exploração das minas.

Nas cidades, as mulheres começaram a dedicar-se ao comércio, estando inscritas em várias corporações de ofícios, na Inglaterra e no continente: sapateiras, fabricantes de cintos, bolsas, bonés, artigos de peles, de redes, ferrageiras, açougueiras, tecelãs de seda e bordadeiras, ferreiras, ourives etc. Na cidade de Frankfurt, de 1320 a 1500, as mulheres desenvolveram atividade em mais de 201 ocupações, destas monopolizando 65, predominando em 17 e igualando os homens em 38. Em Munique, Estrasburgo, Gand, Genebra, Paris, Montpellier, Lyon e outras importantes cidades do continente europeu, apareciam como

grandes artesãs e comerciantes. Em Colônia, os ofícios de fiação, trabalho de ouro e tecelagem de seda eram dominados pelas mulheres, com suas próprias oficinas, próprios aprendizes e próprios materiais. Embora as mulheres entrassem, na maioria dos ofícios, por influência do pai ou do marido, havia certa discriminação em alguns, como o de lapidadores de pedras preciosas: as viúvas desses artesãos não podiam manter aprendizes, pois o ofício era demasiado delicado e perigoso para ser ensinado por uma mulher.

A contribuição das mulheres para o desenvolvimento da economia das cidades, nos séculos XV e XVI foi decisiva. As mulheres prosperavam e ganhavam o respeito das famílias e amigos, mas não desempenhavam nenhum cargo público na estrutura das corporações nem tinham lugar nas procissões dos mestres do seu ofício. Algumas medidas restritivas eram tomadas, para impedir o desemprego masculino, como uma lei de Bristol (Inglaterra), de 1461, que proibia o emprego de esposas, filhas e outras mulheres no ofício de tecelagem, exceptuando-se aquelas que já trabalhavam ao lado dos maridos. Foi no Norte da Europa, França, Inglaterra, mas, principalmente, nas cidades alemãs e flamengas, que as mulheres desenvolveram o privilégio de como mulher ou viúva de mercador de corporação, praticar um tipo de trabalho especializado, produtivo e de elevado estatuto, que lhes proporcionava elevado amor próprio. Nesta oficina familiar, orientavam outros trabalhadores: filhos, filhas, aprendizes – e assim, ganhavam hábitos de autoridade. Nestas regiões, tornaram-se membros de corporações, sucedendo aos falecidos maridos ou por direito próprio. As ocupações mais exclusivas da mulher ou que utilizavam sobretudo trabalhadoras, foram, freqüentemente, as das fiadeiras, tecelãs e ornamentadoras de vestuário caro, a prata e a ouro.³⁴

32.KING, Margareth L. *A Mulher do Renascimento*. Lisboa, Portugal: Presença, 1994, p. 62.

33.Idem, p.72-73.

34.KING, Margareth L. *A Mulher do Renascimento*. Lisboa, Portugal: Presença, 1994, p.75-77.

Com o tempo, a produção de tecidos se tornou cada vez mais organizada desenvolvendo as especializações, e passou a ser dirigida por mestres e trabalhadores do sexo masculino, que acabaram por afastar as mulheres da produção têxtil. O trabalho especializado tornou-se domínio das corporações exclusivamente masculinas, de fiandeiros e cortadores de tecido, e às mulheres foi deixada a cardação e a fiação, os primeiros estádios do processo, tarefas de nível inferior e desagradáveis, que não exigiam muita habilidade. Os salários das mulheres também começaram a se tornar cada vez mais baixos.

As restrições que precipitaram este processo começaram logo no século XIV e intensificaram-se nos três séculos seguintes, não se limitando aos ofícios têxteis. As oportunidades, anteriormente freqüentes, para as viúvas e esposas de mestres das corporações, foram limitadas e as destinadas a trabalhadoras sem relações de parentesco dentro das corporações foram consideravelmente reduzidas.³⁵

Esta mudança na estrutura da produção, mais organizada e especializada, também mudou o local de trabalho, que se separou do local da casa. Enquanto o artesão ou o comerciante tinham o local de negócio e o local de residência num mesmo lugar, sua mulher ou viúva tinha acesso à vida econômica pública. A posição de destaque das mulheres, no mundo do trabalho, dependia de sua possibilidade de trabalhar em casa, onde podiam prosperar, cuidando, ao mesmo tempo, do lar e das atividades econômicas. Quando ocorreu a mudança, a favor de unidades econômicas mais desenvolvidas, organizadas fora da casa, as mulheres foram excluídas, principalmente nos últimos dois séculos do Renascimento. Novas restrições legais também foram inventadas para lhes impedir a posse ou transferência de bens ou o benefício da associação corporativa (particularmente em algumas áreas da Inglaterra

e de Flandres).³⁶ Nas cidades italianas, como em Florença, as mulheres eram admitidas nas corporações, mas as restrições eram abundantes, crescendo no final da Renascença, até excluí-las, no século XVI.³⁷

A Misoginia em *Malleus Maleficarum*

O *Malleus* foi um dos documentos da Inquisição que mais inspiraram os homens da Igreja, e fora dela, a encetar uma perseguição desenfreada às chamadas bruxas. Sem discorrer sobre a veracidade das acusações, queremos aqui fazer alguns comentários sobre as características imputadas a estas mulheres, que são descritas como instrumento do demônio para disseminar o mal no mundo. Certamente, tais acusações nos parecem hoje ridículas, infundadas, incoerentes, absurdas. Mas, naqueles tempos, em que se acreditava na presença do mal representado pelo demônio, à solta no mundo, é possível imaginar que muitos acreditassem naquela possibilidade. O que causa espanto, até hoje, entretanto, é a acusação malévola feita às mulheres e justamente sobre o corpo, a sexualidade, o aparelho reprodutivo, necessários à perpetuação da espécie. É como se exatamente esse poder de gerar, essa sensualidade capaz de atrair o macho humano para o acasalamento, comum em todas as espécies animais, de repente se tornasse um ônus impagável, irresgatável.

Disto tudo só se pode afirmar que a misoginia era uma característica muito encontrada na mentalidade de homens da Igreja, daquela época, como percebemos nos vários escritos em que a misoginia se mistura a uma atração mórbida pela mulher, devido ao tabu que a entrega ao sexo representou para alguns, durante aqueles séculos. Basta citar alguns romances como *O Nome da*

35.KING, Margareth L. *A Mulher do Renascimento*. Lisboa, Portugal: Presença, 1994, p.77-78.

36.KING, Margareth L. *A Mulher do Renascimento*. Lisboa, Portugal: Presença, 1994, p.78.

37.Idem, p.79-80.

Rosa, de Umberto Eco, para lembrarmos de algumas passagens sobre a sexualidade reprimida e o esforço para se conquistar a sublimação dos sentidos. Era patente a morbidez com que os torturadores se empenharam para arrancar as confissões, ávidos de ver, de sentir, de tocar sadicamente os corpos daquelas mulheres, a maioria delas inocentes.

O *Malleus* não hesita em afirmar que

*essa perfídia é mais encontrada em mulheres do que em homens...: por serem mais fracas na mente e no corpo, não surpreende que se entreguem com mais freqüência aos atos de bruxaria... Mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem.*³⁸

As mulheres seriam mais supersticiosas do que os homens, pelas três seguintes razões:

- credulidade;
- mais impressionáveis e mais propensas a receberem a influência do espírito descorporificado
- e, por serem possuidoras de língua traiçoeira, não se absterem de contar às suas amigas tudo o que aprendem com as armas do mal; e, por serem fracas, encontram modo fácil e secreto de se justificarem por meio da bruxaria.³⁹

Além disso, teriam “três vícios que exercem domínio especial sobre as mulheres perversas: infidelidade, ambição e luxúria”.⁴⁰

Até Santo Tomás (IV, 34) teria afirmado que “Deus concede ao demônio maior poder contra o ato venéreo dos homens do que contra qualquer outro de seus atos, pelo fato de que as bruxas estão entre as mulheres com mais propensão a tais atos”.⁴¹

Por sua vez, S. Isidoro, em seu *Etymologiae* c.9 teria afirmado que “as bruxas são assim chamadas pela negrura de sua culpa, quer dizer, seus atos são mais malignos que os de quaisquer outros malfeitores. Elas incitam e confundem os elementos com a ajuda do demônio, causando terríveis temporais de granizo e outras tempestades”.⁴²

A repressão da sexualidade já teria sido insistentemente proclamada por Santo Agostinho. Mas, pior que tudo, é ter elevado o desejo carnal às alturas de pecado por excelência, quando afirma que *o primeiro pecado que tornou o homem escravo do demônio foi o do ato carnal, sendo a sexualidade o pecado por excelência.*⁴³

A Obsessão pelo Sexo

Existe aqui uma idéia obsessiva sobre o sexo da mulher, que revela o medo, a atração, o desejo, a repulsa, uma mescla confusa de sentimentos que já haviam sido revelados em escritos anteriores principalmente de clérigos e teólogos desde o início do cristianismo. Daí lhe imputando uma lascívia desregrada, insaciedade sexual, poder destruidor e castrador, feitiço mortal, de forma desordenada e até irracional.

Assim, o *Malleus* afirma que:

– Toda bruxaria tem origem na cobiça carnal, insaciável nas mulheres, pois, segundo Prov. 30, ela é comparável a um fogo que é preciso alimentar incessantemente, devoradora como o louva-a-deus.⁴⁴

– “Há três coisas insaciáveis, quatro mesmo que nunca dizem: Basta!” A quarta é a boca do útero. Pelo que, para saciarem a sua lascívia, copulam até mesmo com demônios.⁴⁵

– Os homens seriam privilegiados, pois, “o Altíssimo teria preservado o sexo masculino contra crime tão hediondo: como Cristo veio ao mundo e sofreu por nós, deu-nos, a nós homens, esse privilégio”.

38. KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum - O Martelo das Feiticeiras*. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1991. p. 116.

39. Idem, p. 115.

40. Idem, p. 121.

41. Idem, p. 122.

42. Idem, p. 67.

43. Idem, p. 122.

44. Idem, p. 121.

45. Idem, p. 121.

– As mulheres teriam o poder de “enfeitiçar a mente dos homens, levando-os à loucura, ao ódio insano e à lascívia desregrada. E, pela força terrível de suas palavras malignas, como por um gole de veneno, conseguem destruir a vida”.⁴⁶

– Além disso, são capazes de tornar o homem impotente, castrando-o: o medo da castração se manifesta ao longo de um capítulo inteiro na parte I, cap. IX: “as feiticeiras podem iludir até fazer crer que o membro viril é retirado ou separado do corpo”.⁴⁷

– Três vícios exerceriam domínio especial sobre as mulheres perversas: infidelidade, ambição e luxúria, sendo que esta predomina sobre as outras (insaciáveis).⁴⁸

– Entre as mulheres, as mais contaminadas seriam: as adúlteras, as fornicadoras e as concubinas dos poderosos.⁴⁹

– As mulheres saciam os seus desejos obscenos não apenas consigo mesmas mas também com aqueles que se acham no vigor da idade, de qualquer classe ou condição; causando-lhes, através de bruxarias, de toda espécie, a morte da alma, pelo fascínio desmedido do amor carnal, de tal forma a não haver persuasão ou vergonha que os faça abster-se de tais atos.⁵⁰

A Bruxaria

Trata-se de uma heresia que difere das demais, porque nela se faz não apenas um pacto tácito com o diabo, como também um pacto perfeitamente definido e explícito que ultraja o Criador e que tem por meta profaná-lo ao extremo e atingir suas criaturas. Ademais, difere de todas as demais artes maléficas e misteriosas pelo fato de que, de todas as superstições, é a mais vil, a

mais maléfica, a mais hedionda (*maleficium* significa exatamente praticar o mal e blasfemar contra a fé verdadeira).⁵¹

Os males perpetrados pelas bruxas modernas excederiam todos os pecados já permitidos por Deus, pois seriam pecados que envolvem perversidade de caráter: pela natureza de seus crimes, pelas superstições que envolvem e pelo pacto que firmam com o demônio e por serem comparáveis aos pecados dos Anjos do mal e nos dos nossos primeiros ancestrais.⁵² Além disso, o pecado que veio da mulher destrói a alma, por privá-la da graça, e entrega o corpo à punição pelo pecado.⁵³

Origem e Natureza da Bruxaria

Conforme Santo Agostinho, a abominação da bruxaria surgiu da ligação hedionda entre a humanidade e o diabo. A primeira e maior característica, aquela que dá todo o poder às feiticeiras, é copular com o demônio.

E a bruxaria só aconteceria quando concorressem três elementos: o Diabo, a bruxa e a permissão de Deus Todo-Poderoso. E seriam necessários quatro elementos para essa prática:

- renunciar à Fé Católica, ou negar de qualquer maneira certos dogmas da fé;
- dedicar-se de corpo e alma à prática do mal;
- há de se ofertar crianças não-batizadas a Satã;
- entregar-se a toda sorte de atos carnavais com Íncubos e Súcubos e a toda sorte de prazeres obscenos.⁵⁴

Haveria sete métodos pelos quais as mulheres contaminariam, por meio da bruxaria, o ato venéreo e a concepção:

- fomentando, no pensamento dos homens, a paixão desregrada;
- obstruindo a sua força geradora;
- removendo-lhes o membro que serve ao tato;

46. KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum - O Martelo das Feiticeiras*. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1991. p. 67-68.

47. Idem, p.137.

48. Idem, p.121.

49. Idem, p.121.

50. Idem, p.122.

51. KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum - O Martelo das Feiticeiras*. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1991. p.77.

52. Idem, p. 69.

53. Idem, p. 120-121.

54. Idem, p. 77.

- transmutando-os em bestas pela sua magia;
- destruindo a força geradora das mulheres;
- provocando o aborto;
- oferecendo em sacrifício crianças aos demônios, além de outros animais e frutas da terra, com o que causam enormes males.⁵⁵

A Ação do Demônio: sem Poder e sem Instrumentos de Ação

A introdução da figura do Diabo, enquanto fonte da "magia maléfica", é obra do pensamento cristão, dando à bruxaria um caráter ameaçador dos princípios cristãos que não existia quando a bruxa era simplesmente associada ao *maleficium*.

Os demônios, pelo seu engenho, produziriam efeitos maléficos por meio da bruxaria, apesar de ser verdade não conseguirem criar qualquer forma sem o auxílio de algum outro agente. Mas, com a devida ajuda, conseguiriam provocar doenças e toda a sorte de sofrimento e de padecimentos humanos, reais e verdadeiros.⁵⁶

O demônio seria incapaz de facilmente causar males, por si só, à humanidade, pois que só os pode causar por intermédio das bruxas, não obstante serem elas suas servas. E poder-se-ia dizer que o demônio se utiliza das bruxas, não porque precisa de semelhantes agentes, mas porque visa à sua perdição...⁵⁷

A Parceria com o Demônio

O demônio, com a permissão de Deus, procura fazer o máximo de mal aos homens a fim de apropriar-se do maior número possível de almas. E este mal é feito, prioritariamente, com o corpo, único "lugar" onde o demônio pode entrar, pois "o espírito (do homem) é governado por Deus, a vontade por um anjo e o corpo pelas estrelas".

55. KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum - O Martelo das Feiticeiras*. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1991. p. 122.

56. Idem, p. 63.

57. Idem, p. 65.

E este domínio lhe vem do controle e da manipulação dos atos sexuais. Pela sexualidade o demônio pode apropriar-se do corpo e da alma dos homens. Foi pela sexualidade que o primeiro homem pecou e, portanto, a sexualidade é o ponto mais vulnerável de todos os homens.

Uma vez obtida a intimidade com o demônio, as feiticeiras são capazes de desencadear todos os males, especialmente a impotência masculina, a impossibilidade de livrar-se de paixões desordenadas, aborto, oferendas de crianças a Satanás, estrago das colheitas, doenças nos animais, etc.

E esses pecados eram mais hediondos do que os próprios pecados de Lúcifer (rebelião dos anjos) e dos primeiros pais (queda), porque agora as bruxas pecam contra Deus e o Redentor - o Cristo - e, portanto, este crime é imperdoável e, por isso, só pode ser resgatado com a tortura e a morte.

Conclusão

Segundo o historiador Brian Leveck, uma crença disseminada da existência da bruxaria e dos poderes fantásticos que ela podia exercer foi fator fundamental para a caça às bruxas, dentro do que ele descreve como *conceito cumulativo de bruxaria*. Isso mostra que o fenômeno da bruxaria não é um fato real, passível de ser demonstrado cientificamente, mas criação da imaginação de pessoas que acreditavam na possibilidade da demonização de mulheres que teriam relacionamentos íntimos com demônios.

A crença no sabá, que apareceu no final do século XVI, parece comunicar a idéia da união e da ubiqüidade das mulheres. De fato, em algumas cidades, as redes que haviam formado, permitia-lhes conhecer, em poucas horas, as informações comerciais e financeiras que lhes interessavam, de forma que essas notícias se espalhavam com a rapidez de asas. Daí a idéia do vôo noturno e do sabá que não demorou a se espalhar por toda a Europa, junto com a idéia de um poder incontrolável, capazes de suscitar temor pela novidade.

Uma coisa que logo chama a atenção, entre tantas acusações terríveis e infundadas, é o fato

de considerar o *Malleus* o pecado da bruxaria como o pior de todos, como os que excedem todos os pecados já permitidos por Deus, desta forma, considerando-o, o pecado que destrói a alma, por privá-la da graça e entregar o corpo à punição pelo pecado.⁵⁸ Teologicamente, é uma afirmação inaudita, pois nenhum teólogo jamais havia se referido a um pecado irredimível, que não alcançasse perdão. Na teologia cristã, todos os pecados são passíveis de perdão, devido à “infinita bondade e amor de Deus”. Por outro lado, por sua natureza imortal, como a Igreja Católica tem ensinado, a alma jamais poderia ser destruída...

Medo e admiração, atração e desejo, parecem ser as emoções que, desde tempos remotos, as mulheres têm inspirado nos homens, emoções estas que vão além do temor da castração descrita por Freud. Dossiês clínicos, mitologia e história confirmam o antigo medo de castração do homem, como o mito da *vagina dentata* – vagina com dentes dos índios da América do Norte ou a vagina cheia de serpentes, mito da Índia.

O psicanalista Carlos Byington afirma que

... a repressão da mulher e o ataque a ela como bruxa, devido à projeção nela dos arquétipos reprimidos da Grande Mãe e da “anima”, necessitam ser compreendidos junto com a histeria, que é um quadro patológico formado basicamente pela disfunção dos arquétipos matriarcal e de alteridade.⁵⁹

A repressão do dinamismo matriarcal e de alteridade, cujo aspecto feminino era depositado na mulher, mostra que esta repressão da mulher como pessoa tem como contraponto a idealização da função materna, personificada no culto da Virgem Maria. Em outras palavras, foi necessário idealizar a maternidade e a virgindade de Maria, para que o significado do símbolo de Maria Madalena na Paixão fosse suprimido.⁶⁰

A perseguição em massa contra as mulheres deve ser analisado sob duas perspectivas distintas. De um lado, as grandes transformações sociais, científicas do início da Idade Moderna, a Reforma e a Contra-Reforma na religião. Os Estados políticos estavam sendo gestados desde o final da Idade Média. O Iluminismo com as grandes descobertas científicas e os novos paradigmas filosóficos, superando a reverência à natureza por meio do domínio da razão, culpabilizou as mulheres, devido à sua ligação com os processos da natureza. Além disso, uma nova era, a da Revolução Industrial, estava sendo gestada: colocadas as bases do sistema capitalista moderno. A caça às bruxas teria sido fundamental para que essas transformações pudessem ocorrer. A criação das mães dóceis dos operários de corpos dóceis pode ter sido essencial para o surgimento da nova era industrial. As outras, as não dóceis, foram torturadas e queimadas “em nome de Deus”. O outro lado do fenômeno mostra uma misoginia persecutória devido aos símbolos representados pela mulher (sexualidade reprimida, prazer, emoção), e que teria sido a principal causa religiosa da caça às bruxas, por parte do clero católico e apoiado pelo povo.

Uma análise histórica nos coloca, portanto, diante de questões concretas: a conquista da autonomia pelas mulheres nos burgos e nas atividades curativas ligadas à natureza e a necessidade de eliminá-las, para conter o avanço de suas conquistas. O sucesso nas atividades comerciais – ligadas principalmente à tecelagem e à produção e comercialização de grãos – despertou muito receio e preocupação pela competitividade que isso representava para os varões e pela mudança nas relações de gênero, nos vários setores sociais. Como as normatizações religiosas se aplicavam quase que exclusivamente às famílias nobres, as mulheres do povo não eram enquadradas dentro de normas de repressão sexual ou social, elas podiam se dedicar às atividades que lhes apaziam. Desta forma, eram mulheres liberadas sexualmente e sua sexualidade parecia

58. KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum - O Martelo das Feiticeiras*. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1991. p.121-169.

59. Idem, p.38

60. Idem, p. 35.

ser uma terrível ameaça tanto ao clero (pela repressão sexual) como ao Estado nascente, que queria controlar o processo populacional, e, portanto, reprodutivo das mulheres.

Se as teses acima estão corretas, o extermínio coletivo das mulheres na época da Inquisição é uma das páginas mais tenebrosas de nossa história, pois serviu como instrumento para a implantação “em nome de Deus”, de um novo modelo político e uma nova estrutura econômica que trouxe grandes transformações para a humanidade. A ética protestante teria santificado as relações capitalistas de produção mais avançadas. O catolicismo, por sua vez, teria prometido a recompensa (o céu) após a morte, para os que carregassem a cruz, de forma a “santificar” a sociedade de classes. Hoje, os estudos feministas estão desconstruindo a idéia do mal e da culpa ligada à figura das mulheres. Estes estudos mostram que, por trás da culpabilização das mulheres, existe uma história de terror que tentou retardar o processo de irrupção coletiva das mulheres na história. O século XX, entretanto, foi testemunha desse processo que hoje é irreversível.

Bibliografia

- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente* (1300 – 1800). 3ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- EYMERICH, Nicolau. *Manual dos Inquisidores* (*Directorium Inquisitorum*). Rev. Francisco de La Peña (1578). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum - O Martelo das Feiticeiras*. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1991.
- KING, Margareth L. *A Mulher do Renascimento*. Lisboa, Portugal: Presença, 1994.
- LEVACK, Brian P. *A Caça às Bruxas na Europa Moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1988.
- MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos - Bruxas de bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos. 1993.
- MEYER-WILMES, Hedwig. “Por que as Bruxas eram queimadas Vivas?” In: *Concilium* 274-278, 1998, p.16-23.
- MURARO, Rose Marie. *Textos da Fogueira*. Brasília: Letra Viva, 2000.
- TREVOR HOPER, H.R. “A fobia das bruxas na Europa”. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, outubro 1985.
- WESSLEY, Stephen. *The Thirteenth-Century Guglielmites.*, 289-303. Baker: 1978. Citado por KING, op. Cit. p.160.